

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO-LEITÃO

SANTA TERESA - E. E. SANTO - BRASIL

Série: DIVULGAÇÃO - Nº. 6 - 30 de Outubro de 1963

TÍTULO: A PARADA NUPCIAL EM ALGUNS TROQUILÍDEOS
DA AMAZÔNIA *

(TROCHILIDAE - AVES)

Augusto Ruschi
Museu Nacional

Durante as viagens de estudos da troquilifauna dos países Sul Americanos, nos foi dada a oportunidade de apreciar com os mínimos detalhes o acasalamento e a parada nupcial de um grande número de espécies da região Amazônica. Já em nosso Boletim nr. 7 de 28-XII-1949 publicamos algumas paradas nupciais de troquilídeos, com os gráficos respectivos, e é interessante deixarmos aqui assinalado que o acasalamento e a parada nupcial também se repete em cativeiro com os mesmos passos e fases de que se revestem esses atos em liberdade. Nos amplos viveiros de criação e reprodução, onde já tivemos oportunidade de abrigar mais de trezentas espécies e onde nos foi possível conseguir sua reprodução, pudemos comparar esses atos biológicos que precedem ao da nidificação.

No presente trabalho descreveremos a parada nupcial das raras espécies amazônicas: *Topaza pella pella* (Linnaeus); *Popelaira langsdorffi melanosternon* (Gould) e *Threnetes leucurus cervinicauda* Gould.

Topaza pella pella (Linnaeus) — Essa espécie outrora comum em Belém do Pará e seus arredores, tornou-se ali inexistente atualmente; os últimos exemplares colecionados e dos quais temos notícias, datam dos anos de 1918 e 1927; atualmente é encontrada com maiores facilidades no Território do Rio Branco, na região do Monte Roraima, nos Rios Cotinga e Maú, e no Território do Amapá, ao norte de Macapá, nos Rios Amaparí e Maroní, nas serras do Navio e Tumucumaque. As nossas observações foram realizadas durante o mês de julho de 1959, na região limítrofe da Venezuela, Guiana Inglesa e Brasil, em território Venezuelano do Eldorado, no Alto Cuyuni e Caroní, no lugar denominado Carabobo, onde estão as corredeiras «La Clarita» e «La Amarilla».

É sem dúvida a espécie mais abundante naquelas florestas que margeiam os citados rios; encontramos-a visitando as copas floridas das mais altas árvores ali existentes, uma leguminosa do gênero *Alexa*, cuja espécie segundo o Botânico Prof. Dr. Richard S. Cowan, da Smithsonian Institution, a quem enviamos material para determinação, achou tratar-se de uma possível nova espécie; suas flores ama-

* Trabalho apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Zoologia

relas, com o cálice vermelho castanho, são ricas em nectar, e eram visitadas por grande número de indivíduos de *Cyanerpes caeruleus caeruleus* (Linnaeus) além das seguintes espécies de troquilídeos: *Topaza p. pella*, *Colibri delphinae*, *Florisuga mellivora*, *Hylocharis cyanus viridiventris*, *Hylocharis sapphirina sapphirina*, *Discosura longicauda*, *Saucerottia viridigaster cupreicauda*, *Thalurania furcata fissilis*, *Chryseuronia oenone oenone*, *Heliotrix aurita aurita*, *Phaethornis bourcieri whitely*, *Phaethornis superciliosus superciliosus*, *Phaethornis ruber episcopus*, *Glaucis hirsuta hirsuta*, *Threnetes leucurus leucurus* e *Heliomaster longirostris longirostris*.

A altitude do local é de 240 metros acima do nível do mar. Além das grandes árvores de *Alexa sp.* que por vezes ultrapassavam 45 metros de altura, mais raramente *Topaza p. p.* visitava as flores de outra leguminosa do Gênero *Calliandra*, cujo vermelho intenso contrastava com a vegetação restante das proximidades da água, essa árvore chegava até 12 metros de altura e estendia sempre sua ramagem para o leito do rio. Nos foi dado a observar em certos momentos, que iam além de cinquenta indivíduos de *T. p. p.* na mesma copa florida de *Alexa*, quando em vôo e aguerridas lutas pela posse da área florida, entrecortavam os ares com a emissão forte e constante dos seus piados característicos: xép, xép, xép, xép, xép, xép, xép, em compasso quaternário, que sobrepujavam o canto de todos os demais troquilídeos e coerebídeos. Para mim, o acesso às flores que visitavam era de todo impossível; então, binoculando, buscamos os pontos para onde se dirigiam, após libarem o nectar das mesmas. E, caminhando pelas margens do rio «La Clarita», fomos surpreendê-los ao banho, logo ao amanhecer, às 6,30 horas, e às 15 horas, na parte da tarde; os locais para o banho sempre em água límpida, por vêzes nos respingos que a corredeira lança para o alto, resultante do embate da água nalguma pedra mais saliente, o beija-flor desce em vôo e vai recebendo gotículas de água até que se sentem bem molhados, retirando-se em seguida para um ramo no leito do rio, um ou dois metros acima do nível da água e por alguns minutos, em movimentos rápidos, saculejam as azas, eriçam as coberteiras e rebatem as retrizes, perpassando as mais longas em movimento de tezoura a abrir e fechar, sempre acompanhando com o bico o seu amaciamento, penteado e embricamento, para voltar ao mesmo local dos respingos ou então escolhendo um ponto tranquilo das garras para sobrevoa-lo como se estivesse a espelhar-se e quando observa que não corre perigo, lança-se num mergulho rápido à água; êsse mergulho desageitado, numa caída como se fôra uma pancada na água, é feito de uma altura de trinta centímetros, e se repete por 2, 3 e mais vezes, indo também repetir a higiene num ramo onde os raios de sol possam atingir-lhe e com o bico executa o penteado até a completa secagem de toda a plumagem. Êsse banho tem uma duração em algumas vezes de vinte minutos. Nessas margens da corredeira «La Clarita» cujas águas límpidas deixavam ver todo o fundo pedregoso, c num galho de árvore que avançava sobre o rio e a uma altura de 1,60 ms. do nível da água, estava suspenso um ninho de *T. p. p.*

em construção; uma fêmea albina, continuava a trazer-lhe material flocoso, constituído de sementes de bromeliáceas, compostas e gramíneas; por vezes viamo-la colher êsse material, sacando-o de outro ninho da mesma espécie em construção, o qual distava uns cem metros do seu, e também era suspenso em posição de um ramo quasi horizontal a um metro apenas acima do nível da água; sempre que a fêmea albina pousava e iniciava a colheita do material nesse ninho e era surpreendida por sua proprietária, imediatamente era agredida e em fuga por todo o trajeto era escurraçada até as proximidades do seu ninho em conclusão. Capturamos viva a fêmea albina, a qual foi incorporada à coleção viva do Dr. William Phelps Jr. em Caracas e o seu ninho foi colhido e incorporado à coleção do Museu de Biologia.

No dia 10 de julho, ou seja o dia que se seguiu ao da captura da fêmea albina, conseguimos observar a parada nupcial dessa espécie, ali mesmo na quebrada «La Clarita», não longe do local preferido para o banho matinal e distante aproximadamente uns duzentos metros do ninho deixado, observamos que o macho seguia em vôo a uma fêmea; esta rapidamente pousou na extremidade de um ramo que sobrava fora d'água por mais de um metro, na parte quasi central do rio; tal ramo pertencia a uma galhada caída; o macho sobrevoando-a perpassava de um para outro lado, emitindo seu característico piado: xép, xép, xép, xép, xép, em compasso binário, com pausa de alguns segundos entre uma e outra frase idêntica, e repetindo-a cada vez que a sobrevoava. A fêmea continua imóvel nessa parte do ramo, fitando-o com movimentos de torção de um para outro lado, conforme o vôo que faz o macho. Depois de alguns minutos nesse contínuo vai e vem, por vezes a fêmea alça o vôo e é seguida pelo macho muito próximo, indo até outro ramo; aí então o macho se aproxima em vôo mais lento, parando em vôo, frente a frente com a fêmea e em lenta caída e ascensão faz evoluções retímicas; nessa fase os sons emitidos são mais agudos e de menor duração, parecidos com piados sii, sii, sii e outros mais surdos e guturais, xút, xút, xút; os movimentos com a cauda entreabrindo e fechando, trazendo um movimento de tezoura às retrizes mais longas, ou conservando-a em certos momentos muito aberta em leque, parecendo proteger ou esconder a fêmea; ainda nessa fase, os movimentos da região do mento e garganta, trazendo a ereção e contração das penas dessa placa colorida gutural passa-se do nuance verde metálico, para o dourado também metálico e cintilantes, para o negro opaco, como uma luz a acender e pagar. Segue-se um vôo, no qual se elevam ambos em vertical, pelo vazio da mata, formado pelo leito do rio, chegando a ultrapassar em altura as mais altas copas das árvores, ou seja, mais de cinquenta metros, e voltam baixando em evoluções, fazendo pequenos rodopios quasi em horizontal, até encontrar a fêmea um pouco em ramo mais alto que o anterior, ainda acima da água, onde repete-se a exibição da plumagem do macho, e já agora, a fêmea não mais se apresenta tímida, aceitando leves bicadas nos lados da face, mantendo-se imóvel até o momento de acasalamento.

Popelairea langsdorffi melanosternon (Gould) — A parada

nupcial dessa espécie foi observada no Amazonas, no Rio Javari, pouco acima de Benjamin Constant, em março de 1957, quando procedíamos a captura de troquilídeos vivos para as coleções do Museu de Biologia. Na mata que margeia a estrada de rodagem para o Posto Agro-Pecuário do M. A., onde as ingazeiras floridas eram visitadas por muitos beija-flores, observamos a presença de vários exemplares de *P. l. m.* e no dia 23 de março assistimos sua parada nupcial, que além de idêntica à da espécie *Popelairia langsdorffi langsdorffi*, se repete de igual maneira à que se realiza em cativeiro.

O macho ao perseguir a fêmea em vôo, continua a emitir os surdos piados: tiu, tiu, tiu, tiu; tiu, tiu, tiu, tiu; tiu, tiu, tiu, tiu, em compasso binário com valor de uma colchêa, enquanto a fêmea produz um chiado: chi, chi, chi, chi, chi, chi, até que vai pousar entre os finos ramos de um arbusto ou árvore. Então o macho em vôo lento vai contornando a fêmea, com movimentos em vôo para o alto e para baixo. A fêmea sentindo-se insegura, alça vôo e é de perto seguida pelo macho que a acompanha nesse vôo, com movimentos rodopiados e lentos e ela se detem na ponta de outro ramo; o macho continua em vôo de vai e vem, com bastante velocidade e quando sobrevôa a fêmea, abre a cauda e fecha tão velozmente que a saliência do rachis das retrizes ao se tocarem, produzem um estálido rápido e sêco: rrép, rrép, rrép; isso se dá por cinco ou seis vezes seguidas. O macho novamente em vôo macilento e ritímico contorna a fêmea e exhibe seus pés, projetando-os para frente, abrindo os dedos e movimentando-os com as unhas em garra, como se lhe fosse agredir; a fêmea se põe tímida e encolhida, fitando-o imóvel, até que possa observá-lo em novos movimentos, já com as pernas retraídas e com movimentos de retrizes abertas em leque, dirigindo-se para diante e para traz, com a plumagem do pescoço e da garganta meio erigidas e emitindo piados agudos e muito baixinhos. Em seguida, macho e fêmea alçam vôo e em bailado compassado se vão pelos ares em paralelos, ora subindo verticalmente, ora em horizontal, até que se aproximam muito lentamente até um nôvo pouso, para completar o acasalamento.

***Threnetes leucurus cervinicauda* Gould** — A parada nupcial dessa espécie foi observada nos arredores de Benjamin Constant, nas florestas pertencentes ao Posto Agro-Pecuário do Ministério da Agricultura, na margem de um furo que vai ter ao Rio Javari, no dia 29 de março de 1957. O macho perpassava de um para outro lado em perseguição à fêmea; essa em vôo seguia por entre as ramagens da vegetação mais baixa da mata, a uma altura de 1,50 a 2,50 metros, ao mesmo tempo que emitia os piados característicos: siu, siit, siit, siu, siu; siit, siit, siu, siu, enquanto o macho também piando: si, si, si; si, si, si, em vôo sempre muito próximo da fêmea nunca distando dela mais de 20 centímetros. Esse vôo se deteve durante 15 minutos, quando a fêmea pousou e igualmente o macho em sua proximidade e durante alguns instantes ele com a sua cauda em movimento para diante e para traz, como um pêndulo; o macho erguendo a cabeça com novos piados siit, siit, alça o vôo e contorna a fêmea até que a mesma amedrontada, emite piados mais fracos: sit, sit, sit,

e foge, sendo perseguida pelo macho em igual vôo da partida, essa fase da parada se repetiu por várias vezes, até que a fêmea retomou o pouso em lugar mais abrigada entre ramagens, e o macho em vôo de contorno, começou novas evoluções, entreabrindo a cauda em leque, eriçando as penas do mento e por vezes abrindo exageradamente o bico, expondo sua garganta rosea-alaranjada, e a mandíbula branca; assim se põe a sobrevoá-la, voltando-se para sua frente; em seguida coloca o bico e a cauda em posição normal e mantém-se em vôos de contorno, muito próximo da fêmea emitindo piados agudos e quasi inaudíveis que dizem: si, si, si; si, si, si, ao que se segue o eriçar de azas e cauda da fêmea, ultimando-se o acasalamento.

S U M M A R Y

In the present paper, the author describes the nuptial display, in several Amazonian's hummingbirds.